



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GT 10: Informação e Memória

Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

Memória, Experiência e Informação: a Estação Memória

Ivete Pieruccini

Universidade de São Paulo

Edmir Perrotti

Universidade de São Paulo

Resumo: Trata do desenvolvimento de um novo conceito de dispositivo cultural intergeracional –a *Estação Memória (EM)*-, voltado à reinserção social da *experiência* das antigas gerações, na contemporaneidade, tendo em vista processos socioculturais de significação da informação. Destaca a categoria *oficina de memória*, adotada para o desenvolvimento da *EM* e objeto de análise no estudo, a partir de programa de atividades sistemáticas desenvolvido entre idosos, adolescentes e jovens da Comunidade de Paraisópolis, na cidade de São Paulo/SP. Conclui que a categoria teórica norteadora do dispositivo, a *experiência*, mostrou-se essencial aos processos de significação da Informação.

Palavras chaves: Estação Memória. Memória. Informação. Experiência. Dispositivos culturais. Apropriação cultural. Comunicação intergeracional



1 Introdução

Este trabalho trata do desenvolvimento de um novo conceito de dispositivo cultural –a *Estação Memória*–, dedicado a processos de reinserção social da *experiência* das antigas gerações ao patrimônio simbólico, na contemporaneidade. Partindo da crítica aos tradicionais serviços de informação e cultura (GADREY; ZARIFIAN, 2002) definidos principalmente por finalidades de acesso e disseminação de informações, foi criada a *Estação Memória (EM)*, designação, ao mesmo tempo, de conceito de dispositivo de apropriação cultural e objeto empírico da pesquisa. Para tanto, foi selecionada a categoria *oficina de memória*, opção metodológica adotada para o desenvolvimento da *EM* e objeto de análise deste estudo.

A pesquisa sobre a *EM* teve origem com o projeto *Memórias do Baixo Pinheiros, memórias de vida, memórias da cidade*, do Prof. Edmir Perrotti, sob o patrocínio do CNPq, em 1989. Naquele momento, foram levadas a efeito ações visando avaliar o interesse social pelas histórias de vida de velhos. Nesse sentido, realizou-se coleta de depoimentos de antigos moradores do bairro de Pinheiros, na cidade de São Paulo, a partir dos quais foram elaborados diferentes produtos, tais como histórias ficcionais, artigos para coluna de jornal local e realizadas práticas para trocas culturais envolvendo idosos, crianças, jovens e adultos. Em razão dos significativos resultados observados, a investigação teve desdobramentos que resultaram na implantação da *EM*, sob a coordenação da Profa. Ivete Pieruccini, em biblioteca pública da cidade de São Paulo, em meados de 1997. Esse ciclo da pesquisa, de natureza cooperativa (PERROTTI; PIERUCCINI, 2008, p.65-66), todavia, foi encerrado em 2008. Atualmente, incorporando preocupações inerentes ao advento das novas tecnologias de informação e comunicação, o projeto encontra-se em nova fase, com ações realizadas, a partir de então, no Colaboratório de Infoeducação –COLABORI¹– na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

¹ O Colaboratório de Infoeducação – ColaborI - é uma iniciativa de pesquisadores interessados na problemática da apropriação simbólica, tendo em vista processos sociais de protagonismo cultural. Tal problemática é enfocada a partir do estudo das relações entre os dispositivos de informação e cultura e as aprendizagens informacionais próprios da contemporaneidade.



Esta pesquisa, de natureza qualitativa, fundamenta-se em observações diretas e registros de participantes (velhos, crianças, profissionais e comunidade em geral) que atuaram em diferentes ações na *EM*, bem como em trabalhos anteriores, sob outros enfoques, publicados pelos autores deste artigo.

1. A crise da memória/experiência: problema e justificativa da pesquisa

A experiência de vida de pessoas comuns, legado significativo das antigas às novas gerações, vem, na atualidade, perdendo canais de circulação e expressão, especialmente nos grandes centros urbanos. Os novos modos de vida contemporâneos criaram dificuldades aos processos tradicionais de trocas simbólicas, sobretudo entre diferentes segmentos etários, com consequências sobre a dinâmica da construção do tecido social.

Este fenômeno, que impõe sérias e preocupantes questões que atingem inúmeros ramos do conhecimento, atinge também a Ciência da Informação, dado que os processos de produção e circulação das memórias pessoais, na vertente da *experiência*, são aspectos que dizem respeito à área. Tal constatação motivou a realização de estudos para o desenvolvimento de um novo conceito de dispositivo de informação, capaz de atuar nesse hiato cultural, resultante das rupturas socioculturais que caracterizam o referido fenômeno.

1.1 A luta pela experiência na contemporaneidade: referências

A perda de canais de produção e circulação da memória/*experiência*, ampla e antiga, foi identificada, desde a década de 30 do último século, pelo filósofo W. Benjamin. Referindo-se a problemas políticos e culturais que marcavam o período do entre guerras, ele denunciava o nascimento de uma nova barbárie, ou seja, de um mundo incapaz de atentar para a *sabedoria* própria das pessoas experientes, concluindo, em consequência, que a ruptura entre vivências individuais e o patrimônio cultural humano é causa e consequência da pobreza simbólica –uma nova miséria– a que as atuais e futuras gerações estão submetidas, atingindo indiscriminadamente toda a humanidade (BENJAMIN, 1993).

Em suas proposições, Benjamin reflete o desalento diante do fato de que a sabedoria do velho, construída ela própria pelo legado de outras gerações, acumulada nas memórias e reelaborada nas relações cotidianas, entrou em crise na



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

contemporaneidade. Tanto o ato de narrar, como os narradores, não encontrariam espaços sociais adequados às suas demandas. Nesse quadro, os canais tradicionais de expressão, além dos próprios conteúdos expressivos do passado, acham-se comprometidos. Tal situação, em consequência, sujeitaria os “novos” ao abandono à própria sorte, por estarem privados de referências capazes de orientá-los nos processos de inserção no mundo. Sem alternativas, conforme indicara Benjamin, resta-lhes contentar-se com pouco, a começar sempre de novo.

Tais premissas evidenciam o caráter inexorável e irreversível de uma nova condição de vida, em que a referida barbárie, resultante de uma forma de empobrecimento “simbólico”, não se confunde, todavia, com o quadro de proliferação crescente da informação no mundo. Elas visam afirmar que o silêncio das experiências comunicáveis dificultaria processos de vinculação entre patrimônio cultural e os sujeitos, deixando em aberto os caminhos “à generalizada aspiração pela liberdade de toda e qualquer experiência, à busca frenética do atual, de uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo” (BENJAMIN, 1993, p.119).

Apesar da crise, a memória está essencialmente na base do desenvolvimento das coletividades e dos indivíduos. Operando entre inclusão e exclusão –entre lembrança e esquecimento-, ao serem escolhidos os conteúdos e formas de expressão a serem retidos e transmitidos, trava-se o que Le Goff (1984) denominou como “luta pela memória”. Tal “luta” resulta na reintrodução, pela linguagem, do repertório das experiências humanas dos vários grupos sociais ao patrimônio simbólico.

Sob esse enfoque, a memória, tomada como experiência, no sentido benjaminiano, pode constituir-se, assim, como um arsenal de força e resistência, “forma de testemunho que impõe limites à tirania ou à ditadura das imagens coletivas” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p.292). Nessa perspectiva, vale insistir, a noção de memória amplia-se, extrapolando a visão simplista de acúmulo de imagens selecionadas e transmitidas por meio de diferentes procedimentos e recursos socioculturais; ao contrário, passa a constituir manancial gerador da *Experiência*, categoria situada no campo da memória, mas compreendida sob dimensões dinâmicas e articulada diretamente aos sujeitos que a produzem coletivamente.



2. A matéria da *experiência*: o conceito norteador da *EM*

A complexidade da matéria que constitui a *experiência* e que orientou a constituição da *Estação Memória* é abordada, na pesquisa, como mencionado, a partir do conjunto de concepções de memória, definidas por W. Benjamin e explicitadas por seus estudiosos.

O conceito de *experiência* recobre 2 noções distintas, em nome e natureza: *Erlebnis* e *Erfahrung*. O termo *Erlebnis* é tomado para definir “experiência vivida, característica do indivíduo solitário” no mundo capitalista moderno, e expressa-se através de “formas ‘sintéticas’ (...) de narratividade” (GAGNEBIN, 1993, p.10-11). A noção de *Erfahrung*, por sua vez, identifica formas de experiência e narratividade espontâneas, “oriundas de uma organização social comunitária centrada no artesanato” (GAGNEBIN, 1993, p.9).

Salientando a existência das duas modalidades, Benjamin não se isenta, porém, apesar da constatação das alterações inequívocas das formas de produção no mundo moderno, de insistir “sobre a necessidade de reconstrução da *Erfahrung*, para garantir uma memória e uma palavra comuns, malgrado a desagregação e o esfacelamento do social” (GAGNEBIN, 1993, p. 9). A partir da explicitação de uma nova modalidade de *experiência*, desenvolvida no bojo das formas de produção do mundo capitalista -a *Erlebnis*-, Benjamin recupera o valor da *Erfahrung*, vinculando a linguagem e a expressão narrativas aos processos de construção social.

Tais distinções ganham dimensão concreta a partir da noção de *conselho*, segundo a qual as experiências dos mais velhos eram transmitidas aos jovens, “boca a boca”, de geração em geração, próximo ao momento da morte e quase em segredo, procurando alertá-los, de forma benevolente ou ameaçadora, para os verdadeiros valores da vida. De maneira conclusiva, a *experiência* liga-se ao processo de acumulação de um saber interessado em valores construídos ao longo da vida, do qual o velho seria o possuidor privilegiado. Com isto, além de se estabelecer uma significativa distinção entre saber especializado e sabedoria, recupera-se a função social do ancião, em crise no sistema de produção capitalista contemporâneo.

A partir da ideia de conhecimento construído pouco a pouco -feito e refeito- ao longo do tempo, delineiam-se as noções acerca da natureza da matéria de que é formada



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

a *experiência* e os modos privilegiados para sua produção. Nas concepções de Benjamin, a *Erfahrung* traduz-se em narrativas com características específicas, não sendo estruturas fechadas impostas como verdade absoluta, mas, ao contrário, embora contemplem a “irredutibilidade do passado, saberiam deixá-lo inacabado (e respeitariam a) “imprevisibilidade do presente” (GAGNEBIN, 1994, p.72). Enquanto tal, se assemelhariam a conselhos e “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história” (BENJAMIN, 1993, p.200).

Do ponto de vista de sua produção, esta forma específica de narratividade seria resultante do jogo entre a memória pessoal e a memória social, confirmando Halbwachs, segundo o qual “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, (e) este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e (...) este lugar mesmo muda as relações que eu mantenho com outros meios” (1990, p.51).

A história de vida de cada indivíduo faz parte, assim, de uma história mais geral, constituindo, no complexo e permanente fluxo de relações entre as memórias que forjam o todo social, a ancoragem para a construção contínua e comum da *experiência*, matéria, ao mesmo tempo pessoal e coletiva.

A noção de *experiência* –a *Erfahrung*–, segundo as perspectivas assinaladas, tem suas características evidenciadas quando em oposição a outras formas de narratividade, predominantes na modernidade, como a informação jornalística e o romance. Resultado da perda da tradição comum, que deixaria de oferecer bases seguras de orientação no mundo, estas mantêm diferenças essenciais em relação *experiência*: enquanto a *Erfahrung* (*experiência*) não exige verificação imediata, a informação procura “enxugar” a história, exaurindo os aspectos de dubiedade. Desse modo, salienta Benjamin, “os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. (...) quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações” (1993, p.203).

Por sua natureza, enquanto a informação oferece poucos espaços para a inserção do receptor, na narrativa ele é livre para interpretar a história como quiser, “e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (BENJAMIN, 1993, p.202), cujo valor, ao contrário, se esgota no momento em que deixa de ser nova.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Sob esse enfoque, *experiência* e informação, embora complementares, não se confundem, uma vez que são constituídas de elementos peculiares, demandando formas igualmente singulares de produção, distribuição, circulação e recepção. A *experiência* (*Erfahrung*), por outro lado, inscreve-se num complexo, constituído pelo repertório pessoal e coletivo dos sujeitos – sua sabedoria- permeado por sua gestualidade – voz/corpo. Tanto assim, que, de acordo com Benjamin, a *experiência* pressupõe relações entre interlocutores, permitindo a (co)elaboração dos discursos narrativos, categoria ausente nas mais variadas formas de informação *mediatizada*. Implicitamente, portanto, o conceito de *experiência* traz uma dimensão que coloca os sujeitos em relações discursivas dinâmicas, condição essencial à resignificação da memória social.

O distanciamento entre o patrimônio humano e a profusão de informações na contemporaneidade, gerada não só pelo desenvolvimento progressivo da técnica (sobretudo pelas recentes tecnologias de informação e comunicação ao cotidiano social), conforme indicam os autores estudados, não apenas implicam relações efetivas entre presente e passado, mas, especialmente sobre as condições de articulação entre mundo subjetivo e objetivo que envolvem o sujeito. A *experiência*, instrumento da construção e da reelaboração da malha simbólica que arquiteta as relações socioculturais, torna-se, assim, objeto sobre o qual toda a coletividade pode e deve interferir. Pela narração, a *experiência* é socializada, reelaborada e reintegrada à vida, combinando com outras *experiências* e verdades, constituindo categoria e condição à significação da informação.

Entretanto, os contextos favoráveis à *experiência* declinaram com as formas artesanais de produção, ambos produzidos a partir do esfacelamento de uma “tradição e memória comuns, que garantiam a existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem” (GAGNEBIN, 1993, p.11). A associação da *experiência* ao modo de produção seria, assim, a condição para deixar livres a reminiscência e a voz, instrumentos para a trama entre memória e imaginação.

O comprometimento do processo de produção e circulação da *experiência*, na perspectiva da *Erfahrung*, deu-se em razão de 3 fatores: distanciamento entre os interlocutores, segundo o qual a *experiência* transmitida pelo relato deve ser comum ao



narrador e ao ouvinte, pressupondo uma comunidade de vida e de discurso, condição à assimilação/apropriação da narrativa; ruptura – uma cisão- entre palavra e vida, inscrita na oposição tempo de produção e tempo para contar; descontextualização da *experiência* em relação aos aspectos práticos de sua aplicabilidade, ou seja, uma sapiência prática, muitas vezes em forma de uma moral ou conselho, que nem sempre é compreendida, “de tão isolados que estamos, cada um em seu mundo particular e privado (GAGNEBIN, 1993, p.10-1).

Os fatores socioculturais e econômicos da perda dos canais de transmissão da *experiência* são irreversíveis e intrínsecos a uma nova ordem sociocultural e econômica, própria aos mundos moderno e contemporâneo. Nesse trabalho, entretanto, além de integrarem a discussão acerca da problemática aí implicada, constituíram categorias do objeto da pesquisa.

3. O dispositivo *Estação Memória*²: o objeto empírico

A *Estação Memória* é um dispositivo cultural intergeracional, tendo em vista processos sociais de reinserção e apropriação da *experiência* pelas novas gerações, condição indispensável tanto do ponto de vista de construção identitária dos sujeitos como da cultura, em geral. Como *dispositivo*, compreendido na perspectiva de “instância, (...) local social de interação e de cooperação com suas intenções, seu funcionamento material e simbólico, enfim, seus modos de interação próprios (FERREIRA apud PIERUCCINI, 2004, p.78)”, as configurações da *EM* (espaço físico, linguagens, produtos e práticas) foram pautadas por referenciais ligados à natureza e problemática da *experiência*. Tomada como signo, as categorias que definiram a *EM* envolvem sentidos e significados que atuam sobre os comportamentos e condutas afetivas, cognitivas e comunicativas (PIERUCCINI, 2004).

As características e elementos do ambiente foram definidos visando possibilitar e facilitar o encontro, a aproximação, o conhecimento entre os sujeitos, favorecendo condições objetivas de diálogo entre passado e presente, base à formação de vínculos intergeracionais significativos, estimuladores das esperadas trocas simbólicas. Para

² O projeto *Estação Memória* está incluído nas atividades do programa regular da Universidade Aberta da Terceira Idade/USP, desde 1998.



tanto, a primeira configuração da *EM*, desenvolvida em ambiente próprio e especialmente dedicado a esse fim, foi definida a partir de uma ordem espaço-temporal dinâmica, adequada ao processo de partilhamento das narrativas.

Tal concepção foi afirmada levando-se em conta elementos coletados da série de depoimentos –relatos de histórias de vida de velhos -, realizada pelo projeto *Memórias do Baixo Pinheiros, memórias de vida, memórias da cidade* e da seleção de referências contemporâneas do universo jovem, contemplando-se, assim, os dois segmentos, especialmente implicados: os idosos, a partir dos quais o dispositivo era criado e as crianças e jovens em função dos quais estava sendo concebido. Para tanto, foram aplicados dialogicamente elementos de uma cultura antiga e da atualidade, como assoalho e mobiliário em madeira (foto 2), contrastando com outros objetos do ambiente: *design* de luminárias (foto 3), pufes coloridos (foto 4), recursos tecnológicos, revestimentos laminados, todos visando contribuir para o acolhimento dos grupos etários (foto 1), em destaque na proposta do projeto de pesquisa.



Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4

3.1 Oficinas de memória: a opção metodológica

A opção metodológica pela oficina de memória como forma de desenvolvimento da *EM*, deu-se em razão da tentativa de objetivar e sistematizar aspectos implicados nos processos de produção e circulação da *experiência*, conforme discutido. Se as formas iniciais de registro de depoimentos, por meio de entrevistas gravadas e o desenvolvimento de produtos e práticas (colunas publicadas em jornal do bairro, histórias contadas às crianças, dramatizações, criação de bases de dados, exposições, dentre outros) por mediadores especializados haviam sido importantes à circulação/difusão dos conteúdos coletados, colocava-se, todavia, uma nova questão: em que medida tal metodologia não reduzia a *experiência* do idoso a “dado”, a informações esparsas sobre um passado do bairro/cidade/país que ainda habitava a memória dos entrevistados e que, se fazia sentido para eles, todavia, face às severas transformações do meio, tornavam-se



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

incompreensíveis às novas gerações, uma vez que o que lhes chegavam eram informações descoladas da *experiência* dos narradores? Além disso, em que medida as *experiências* não seriam cristalizadas ao se transformarem em registros, documentos, armazenadas para conservação e eventual consulta, porém distantes daqueles que poderiam tomá-las como referência para melhor compreender o mundo?

Tais problemas levaram a percursos metodológicos diferenciados, novas dinâmicas, reunindo num mesmo ato/movimento, os autores da *experiência* e diferentes universos etários. Face a estas questões, que a própria pesquisa ia atualizando, colocou-se a necessidade não apenas de coletar, organizar e disseminar as memórias, mas também de criar um ambiente onde houvesse encontros geracionais e intergeracionais: a *Estação Memória*. Daí em diante, a EM passou a desenvolver-se por meio de *oficinas de memória*, prática que coloca os sujeitos *em situação* de produção, transmissão, reelaboração de sua *experiência*, incluindo aí toda a complexidade de contextos, corporalidade, gestualidade, emoções que envolve as interlocuções, especialmente as interpessoais.

A opção pela relação entre pares etários e entre idosos e crianças/jovens, objetivadas nos encontros presenciais –as *oficinas*– visavam, desse modo, extrapolar a mera divulgação de relatos de experiência, expandindo os limites dos processos de difusão de produtos a públicos específicos ou variados. Daí, a escolha das *oficinas*, entendendo-se que ao deter-se apenas nos aspectos sintáticos e de conteúdo explícitos dos registros, a *informação* deixa escapar elementos que, neste quadro, são estruturalmente definidores na construção da significação. Diferentemente da informação, a sabedoria trazida pelo relato do idoso é, muitas vezes, um tom, uma pausa, um silêncio, um não-dito... As vozes que testemunham tantas experiências contando histórias da família, da rua, da escola, da igreja, dos amigos, dos amores e dissabores, insuflam imagens que as teorias matemáticas da informação chamariam de “ruídos” (FARIA, 1999).

São duas, as modalidades de oficina em desenvolvimento na EM:

Oficinas de memória geracionais: designação das práticas com grupos de idosos, tendo em vista processos ligados à rememoração, produção de relatos de *experiência* e sua organização, sob a forma de diferentes produtos culturais, e à



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

preparação para os encontros e trocas culturais com crianças/jovens. As oficinas desenvolvem-se com base em: a)- temas gerais, com destaque para as narrativas de histórias de vida, orientadas pela cronologia infância/adolescência/vida adulta/velhice; b)- temas específicos, negociados no grupo, a partir de questões que se mostram relevantes nas falas dos participantes; c)- temas em evidência, em especial na mídia, e que se mostrem de interesse aos participantes.

Os encontros semanais têm duração média de 3 horas e a frequência dos participantes, com idade mínima em torno de 60 anos (sem idade máxima), é estável e sistemática, com variações por motivos de força maior. Os grupos são constituídos de modo bastante peculiar, existindo uma espécie de *núcleo* de participantes permanentes, com idosos que, ininterruptamente, fazem parte das ações há 12 anos. Também integram esses grupos idosos com uma frequência sazonal, cuja participação depende da temática, das condições de saúde ou de transporte para o local das atividades. Dentro dessa dinâmica, o grupo recebe convidados em situações pontuais, para relatos de *experiência* de vida.

Oficinas de memória intergeracionais: designação das práticas envolvendo idosos e crianças/jovens, tendo em vista o diálogo presencial entre as gerações, por meio de encontros agendados e previamente preparados pelos grupos participantes, em geral instituições socioculturais e educativas, com as quais o Colabor1 e a *EM*, em particular, constituem parcerias. Os programas, projetos ou atividades dessa natureza são realizados a partir de temas definidos por ambas as partes, estratégia metodológica que permite construir um patamar mais ou menos comum, essencial à criação de referências e estímulo ao compartilhamento dos relatos de experiência entre os idosos e as crianças/jovens.

Com base nesses princípios foram desenvolvidos diferentes experimentos, caracterizados como projetos, dentre os quais foi selecionado o mais recente, sob o título *Filmes inesquecíveis*, como objeto da análise nesse trabalho.



4. A oficina de memória *Filmes Inesquecíveis*: categorias e aspectos do processo

O trabalho reuniu grupo de idosos da *Estação Memória* (entre 63 a 91 anos) e dois grupos do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis³, constituído por adolescentes (entre 10 a 15 anos) e jovens (entre 16 a 18 anos), no período de março de 2009 a junho de 2010 (primeira fase).

4.1 As oficinas geracionais: preparando a comunicação

O tema *Filmes inesquecíveis* foi escolhido no início do ano de 2009, época em que o evento de premiação de cinema americano –Oscar- era evidenciado na mídia e pautava conversas entre participantes durante intervalos de atividades da *EM*. Percebido o interesse geral do grupo em comentar, comparar, lembrar e contar sobre os filmes de outras épocas, foi acordado que o tema seria objeto das oficinas de memória, no período inicial do ano.

A temática escolhida, aliada a recursos tecnológicos –internet-, permitindo a localização e projeção imediatas das indicações no *Youtube*, possibilitou novos processos de socialização das memórias dos filmes e da *experiência* dos idosos. À medida que os primeiros *filmes inesquecíveis* eram lembrados, uma profusão de outras lembranças, vindas de todos os participantes, não parava de jorrar. Com elas, cada participante buscava relatar os motivos de sua indicação, significando para si e para o grupo suas memórias. Nessa perspectiva e processo, foram relatados fragmentos de histórias de família, do trabalho, de relações amorosas, da cidade, da condição social da mulher, das lutas e preocupações com o futuro humano, das crenças, ou seja, uma quantidade e diversidade impressionantes de *experiências*, que poderiam ser agrupadas em temas e sub-temas específicos. Narradas a partir de contextos e situações (aparentemente) particulares, as histórias, no entanto, refletiam universos e quadros culturais envolvendo a todos, por meio do jogo entre os diferentes pontos de vista, ou seja, das *experiências*.

³ O Programa é mantido pela Sociedade Israelita Beneficente Albert Einstein com a qual o ColaborI realiza parceria, tendo em vista o desenvolvimento de uma *Estação do Conhecimento*. Para mais informações, consultar colabori.blogspot.com.br



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

As memórias dos filmes, na dinâmica da oficina, mescla-se às memórias de situações de época, contextos e momentos de vida significativos, guardados como um valor à espera de partilhamento, entre os pares participantes, cujas intervenções acabam por facilitar e fazer vir à tona não somente o relato do *fato*, mas seu significado – a *experiência*- constituída nos anos de existência dos sujeitos.

Esta característica da metodologia de oficina de memória desenvolvida pela EM, também fornece elementos que contribuem para a preparação dos idosos para os encontros intergeracionais, uma vez que a escuta e manifestações do grupo fornecem referências sobre a importância e o interesse pelas *experiências* narradas, muitas vezes desconsideradas pelo próprio idoso.

Foram realizados 10 encontros para a coleta das memórias dos filmes, cujos depoimentos foram registrados no ato dos relatos e postados no *site* estacaomemorianausp.blogspot.com. No total, foram lembrados mais de 50 títulos, alguns indicados por mais de um participante. Posteriormente, o grupo realizou uma seleção a partir das indicações, escolhendo 5 títulos que deveriam ser assistidos pelos adolescentes e jovens e que seriam objeto das trocas de *experiência* entre os velhos e os mais jovens: *Tempos Modernos*; *Cinema Paradiso*; *Imitação da Vida*; *Blade Runner*; *Sonata de Amor* foram vistos (ou revistos) pelos dois grupos, como parte do processo de preparação para os encontros intergeracionais.

Em contrapartida, no mesmo período, foram desenvolvidas atividades, em Paraisópolis, coordenadas por grupo de educadores locais, também com a finalidade de preparar os adolescentes e jovens, para as *oficinas intergeracionais*, já incluídas como parte da programação cultural local. Entre eles, os títulos escolhidos foram *Corra Lola, corra*, *Crepúsculo*, *Meu nome é Rádio* e *Titanic*, também assistidos pelos idosos, antecipadamente.

4.2 As oficinas intergeracionais: trocas de *experiência*

Os encontros intergeracionais foram realizados com dois grupos distintos, do Programa Einstein. Inicialmente, estavam previstas atividades envolvendo somente um grupo de adolescentes (2 turmas), participante de projetos culturais desenvolvidos pela instituição.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Um segundo grupo, todavia, formado por jovens, engajou-se durante o processo, a pedido, após tomarem conhecimento do entusiasmo e interesse dos mais novos pelos filmes indicados, até então por “desconhecidos”. Como os outros, aderiram imediatamente às propostas, assistindo aos filmes dos velhos, fazendo indicações, participando de encontros presenciais, manifestando suas impressões num *blog* citado, e que, por sua vez, foi estudado por Elisângela Alves, em dissertação de mestrado, no PPGCI/ECA/USP.

Os três encontros intergeracionais presenciais aconteceram na sede da *EM* (na Escola de Comunicações e Artes/USP) e na Estação do Conhecimento Einstein/Paraisópolis.

A dinâmica dos encontros consistiu na apresentação dos participantes (nome e idade) e breve relato sobre vida pessoal, origem, formação, alguns poucos elementos capazes de situar os interlocutores e seus discursos.

Os filmes e as memórias por eles provocadas constituíram o fio condutor das conversas, com manifestações –concordantes ou discordantes- alternando-se durante a realização da atividade. Tanto os jovens quanto os velhos intercalaram perguntas e observações buscando perspectivas críticas sobre os filmes e seus enredos, sobre os participantes ali presentes e suas histórias pessoais, num nítido interesse de conhecimento recíproco, buscando aproveitar, ao máximo, a oportunidade de aproximação propiciada pela oficina intergeracional. Nesse sentido, ora os filmes pautavam as conversas, ora as memórias pessoais resignificavam as histórias dos filmes por meio de situações concretas, vividas ou conhecidas, pelos participantes.

5. Resultados

Os resultados das oficinas de memória foram significativos para ambos os grupos. Os dados mostram que as relações geracionais e intergeracionais atuam em diferentes níveis, possibilitando:

a)- o **desconfinamento**⁴ das *experiências* dos sujeitos. Nas *oficinas*, a produção dos relatos mostrou-se relevante à afirmação do idoso, como instância de memória viva.

⁴ O termo desconfinamento inscreve-se no conceito de confinamento cultural, definido por PERROTTI em seu livro *Confinamento cultural, infância e leitura*, Editora Summus, 1991.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

A narrativa e escuta partilhadas entre os pares, encorajando o relato e o interesse do grupo pelas diferentes histórias, constituiu não apenas condição à criação de repertórios de conteúdos originais, mas sobretudo à valorização da *experiência* dos participantes, muitas vezes *esquecida*, ou mesmo desprezada. Muitos concordam e reiteram os depoimentos abaixo:

Sempre a Estação Memória foi importante para mim, fazendo fluir à terra a minha memória que estava tão bloqueada (...). (DO, 71 anos).

O trabalho (...) foi rico e diversificado. Trouxe-me lembranças incríveis de filmes da minha infância (...). (DB, 75 anos).

Se, ao iniciar a participação nas *oficinas*, eram recorrentes as falas, tais como “eu não tenho memória”, “eu não tenho nada a dizer”, “eu esqueci tudo”, evidenciando uma certa descaracterização da importância das *experiências* pessoais, logo após, entretanto, os participantes colocaram-se atentos, prontos para oferecer suas contribuições *simbólicas* ao conjunto presente. Nesse sentido, observou-se que as oficinas exercem um duplo papel, tanto reincorporando os conteúdos da *experiência*, por meio do registro dos depoimentos, quanto seus autores, em presença sistemática e frequente às *oficinas*. A metodologia dos encontros indicou, assim, que esse processo transforma o idoso num narrador interessado em contar suas histórias, modo especial de desconfinamento:

Eu participo da *Estação* desde o início e percebo que a memória é uma fonte inesgotável. Sempre temos algo a lembrar e a contar sobre os temas que trabalhamos. Pensava que um dia não teria mais nada pra falar, mas parece que quanto mais o tempo passa, mais e melhor eu me lembro. E é sempre bom ter pessoas para ouvirem e trocarem com nossas histórias, como aqui. (MEM, 82 anos).

É muito especial encontrar os meninos, gosto de estar perto e ‘colaborar’ com essas crianças/jovens. Sinto-me gratificada oferecendo algo meu para a sensibilidade e crescimento deles, e vice-versa. Adorei muito os encontros – uma delícia! (MJ, 68 anos).



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Sou iniciante, fiquei encantada com os encontros porque eles são produtivos, ricos em conhecimento, informação. Estou feliz!” (MA, 64 anos).

Na perspectiva dos jovens, os encontros com os idosos indicam processo semelhante de desconfinamento, provocado tanto pelo deslocamento físico para a realização das *oficinas* na sede da *EM*, quanto simbólico, em razão das trocas de informação entre os grupos:

Eu gostei de vir aqui na USP. Eu não imaginava que era assim e que eu ia declamar uma poesia para pessoas tão inteligentes como esses senhores. E eles gostaram da minha poesia. (Adolescente, 13 anos).

Eu achei bom poder me comunicar com eles. Contar coisas de mim para eles e receber coisas deles para mim. (Adolescente, 12 anos).

b)- a **vinculação** entre os idosos entre si e entre eles e os mais jovens. As *oficinas* mostraram-se capazes de atuar na construção de elos fortes e permanentes entre os diferentes participantes:

Eu estive com outros jovens como vocês numa outra atividade da *Estação Memória* e até hoje eu me comunico com eles. Eles me telefonam, nós conversamos e trocamos ideias. Um deles me chama de vovô... Uma beleza! (MG, 91 anos).

Devido a um envolvimento que foi crescendo com as mediações, a significação das atividades foi sendo percebida e ampliada cada vez mais. Hoje, nossos vínculos estão cada vez mais sólidos e a vontade de continuar tem sido manifestada com emoção”. (AV, 67 anos).

Eu estava assistindo (*Titanic*) na minha casa com minha família eu adorei e queria indicar para vocês assistirem e gostar, é muito legal, eu adorei muito esse filme espero que vcs gostem por que pra mim foi muito bom. (...). Esse filme é muito bom vocês vão gostar... Aproveitem muito. (Jovem, 15 anos).

A proximidade construída entre os participantes é fomentada, de um lado, pelos relatos de *experiência*, cuja força permite revelar um *outro*, muito além da aparência visível...

A gente desconfiou que vocês eram velhos por causa do tipo de filme (...) a gente não sabia que vocês eram tão legais,



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

com tantas histórias interessantes assim” (Adolescente, 13 anos).

Puxa, quem podia imaginar que a (...), tão quietinha, tinha uma história tão rica, tão dolorosa, mas que está aqui contando pra gente. (MPV, 81 anos).

...e, de outro, pelo processo de preparação dos encontros, nos quais os participantes se reúnem, definem, elaboram e colaboram na realização de *produtos* para veicular suas histórias. Nesse sentido, portanto, não somente os depoimentos, mas também as habilidades manuais, as ideias, o espírito crítico postos em evidência no trabalho comum acabaram por constituir elos estáveis (nem sempre pacíficos), colocando os participantes mais à vontade para redefinir noções e conceitos pré-existentes, tanto em relação aos participantes, quanto em relação a seus próprios pontos de vista, impressões e ideias muitas vezes cristalizadas por falta de um outro nível de contato com *experiências* distintas:

Achei que nem gostaria do filme, mas adorei a indicação do *Crepúsculo*, principalmente depois dos depoimentos no *blog*, porque vocês (os jovens) ressaltaram a importância do respeito pela diferença e o amor sincero e verdadeiro dos personagens, que são valores importantes da vida. (DA, 66 anos).

Quando eu vejo e escuto as falas de vocês sobre o respeito ao próximo, a colaboração e a solidariedade que vocês aprendem, me dá muita esperança no futuro. (AA, 78anos).

Quando vocês vão voltar? A gente quer fazer outros projetos com vocês. A gente também preparou uma surpresa pra vocês...(Adolescente, 12 anos).

Eu gostei tanto do grupo da tarde, mas pelas carinhas de vocês já vi que também vou gostar muito de vocês. Estou adorando nossos encontros. Queremos voltar. (YP, 78 anos).

As manifestações afetivas que permearam as *oficinas* mostraram-se mobilizadoras, num movimento crescente de interesse bilateral para a preparação e realização de novos encontros para trocas de *experiência*, mesmo se as dificuldades específicas de cada grupo, uns em razão da idade avançada e outros face às agendas e recursos institucionais, sejam cruciais às relações presenciais. Todavia, a afirmação pelo interesse do reencontro mostra que as *oficinas* estimularam a vontade mútua de dar continuidade



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

ao conhecimento das memórias dos participantes, possibilidade que representa importante avanço no processo de construção e resignificação da *experiência* ali em jogo.

c)- a **projeção** para outros universos de conhecimento, estimulando novos percursos de ambos os lados. As *oficinas* de memória constituíram importantes fontes de informação, ampliando horizontes culturais dos envolvidos. Em especial, na modalidade intergeracional, a temática escolhida (*filmes* inesquecíveis) abriu portas para patamares (quase que) impensáveis, sobretudo em relação aos mais novos. Saber da existência e valorizar produções que não fazem parte do contexto imediato dos grupos foi reconhecido como importante ganho, propiciado pelos encontros entre gerações:

O encontro (...) e a discussão de *experiências* de filmes assistidos por nós e outros com eles foi uma troca muito interessante; muito produtiva (...) É muito importante que o jovem tenha esta oportunidade de tomar conhecimento da nossa visão e que nós possamos entendê-los melhor. (TLB, 80 anos).

No âmbito dos mais jovens, poder ter contato com os filmes em preto e branco (os de Chaplin e *Sonata de Amor*), esforçando-se por aceitar e assumir postura interessada diante de filmes longos, das dificuldades de leitura das legendas, desenvolvendo atenção especial para compreender o sentido de narrativas (mesmo as *mudas*), para memorizar os nomes dos diretores, atores e personagens foram desafios enfrentados em razão da promessa do encontro e da força dos relatos. Sob tais estímulos, os jovens setiram-se motivados a não desistirem da árdua tarefa de penetrar num universo por muitos desconhecido:

(...) foi surpreendente sentir que os meninos gostaram muito de *Chaplin* e *Sonata de Amor*, embora relutassem no início (...). (BB, 65 anos).

No começo, a gente achou que o filme era chato, mas depois a gente foi gostando e não queria parar, queria ver mais... (Adolescente, 13 anos).

Eu adorei o filme mudo (...) ele (Chaplin) andava que nem pinguim (...) foi muito engraçado. (Adolescente, 12 anos).

A gente queria que vocês indicassem mais filmes que nem esse, do Chaplin. Foi muito legal. (Adolescente, 10 anos).



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Da mesma forma, os idosos ganharam com a *experiência* dos jovens. Embora tivessem a informação sobre os filmes indicados por estes, só se dispuseram a assisti-los, em razão da oficina:

Maravilhoso foi assistirmos aos filmes sugeridos por eles, como *Corra Lola, corra*. (BB, 65 anos).

Eu estava assistindo o filme lá em casa, o meu marido veio dar uma olhadinha e não quis parar de ver. Nossa, que filme bom! (AV, 67 anos).

Nas *oficinas* intergeracionais, a relação direta e proximidade entre os participantes estimulou o interesse por outras histórias e informações, oportunizando a expressão da curiosidade, condição de ampliação dos repertórios pessoais:

“Você fala diferente. É estrangeira? Italiana? Ah, então fala sobre a máfia”? (Adolescente, 13 anos)

E a participante, que chamara a atenção pelo sotaque diferente de imigrante italiana, começa a contar como nasceu e se transformou a máfia na Itália. Embalado pelas falas, um outro menino (12 anos) quer saber como era Paraisópolis, antigamente, mas é a educadora presente (27 anos) que toma a palavra e conta, por *experiência*, como o bairro se constituiu, já que nasceu e cresceu naquela comunidade.

A *experiência*, no âmbito das *oficinas* de memória, mostrou-se matéria de infindáveis possibilidades. Seus conteúdos e plasticidade incitaram o afloramento das memórias dos participantes, independentemente das respectivas idades, transformando-os em narradores-ouvintes interessados nas suas próprias histórias e nas dos outros. Conforme conclui uma das integrantes:

Os encontros entre nós idosos e os jovens de Paraisópolis me deram uma nova noção de trocas, como intercâmbio de ideias, experiências, afetos que podem desencadear novos pensamentos, novas oportunidades e conhecimentos. (AD, 66 anos).

Considerações finais

As *oficinas de memória* mostraram a complexidade da objetivação, na atualidade, do diálogo entre o passado e o presente e evidenciaram que processos de apropriação e reinserção da *experiência* (*Erfahrung*) implicam dispositivos culturais igualmente



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

complexos, pautados por concepções que compreendem a memória como categoria de base a processos de resignificação do mundo. Todavia, na perspectiva apontada, a articulação entre as três categorias, observadas como resultado de desenvolvimento das oficinas de memória –desconfinamento, vinculação e projeção–, mostrou-se um diferencial específico desta natureza de dispositivo voltado à reinserção da *experiência*.

Tal articulação, propiciada pelo jogo entre as memórias dos participantes, ao mesmo tempo *experiência* para uns e informação para outros, foi significativa e relevante ao processo em causa. Com isso, evidenciou-se, sobretudo, o valor do intercâmbio entre repertórios dos participantes (memórias/experiências) para a significação das informações postas em circulação pelas oficinas, em detrimento da noção de memória como culto ao passado, de superioridade entre os tempos.

A designação *Estação Memória*, nesse aspecto, é reveladora uma vez que os resultados da pesquisa confirmaram a metáfora implicada na concepção do dispositivo. Em outras palavras, o termo *estação* quer indicar a noção dinâmica de memória que constitui e dá sentido a ele, ou seja, a memória tomada como matéria que se oferece à reelaboração pela linguagem, e que, portanto, se renova, adquirindo diferentes nuances, tons, coloridos e, nesse sentido, acolhe “seus passageiros”, permitindo novas visões de mundo por meio dos deslocamentos que a “viagem” a bordo das múltiplas *experiências*, narradas e (re)vividas, mostraram permitir. Assim, as informações sobre o passado cultural das antigas gerações ganharam sentido, renovando tanto os repertórios como os sujeitos, independentemente das respectivas idades, possibilitando-lhes perceber que, na diferença que os define, possuem características e pertencem a um mundo comum. Nesse sentido, a *Erfahrung* talvez tenha possibilidades de sobrevivência na *sociedade da informação*.

Abstract: The development of a brand new concept of Cultural device – the “*Estação Memória*” (*EM*) –is dedicated to social *experience* reintegration of older generation in contemporary, in order to social and cultural processes of the significance of information. Highlights the memory workshop category adopted to the development of the *EM* and analysis object in the research, from the generational and intergenerational workshop program was carried out among elderly, adolescents and young people from Paraisópolis community in the city of São Paulo-SP. It has concluded that the guiding category device, the *experience* proved to be essential to the significance of the information.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Key words: 'Estação Memória'. Memory. Information. Experience. Cultural devices. Cultural appropriation. Intergenerational communication.

Referências

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo : Brasiliense, 1993.
- FARIA, I. P. **Estação Memória**: lembrar como projeto. Contribuições ao estudo da mediação cultural. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GADREY , J.; ZARIFIAN, P. **L'émergence d'un modèle du service**: enjeux et réalités. Paris : Ed. Liaisons, 2002.
- GAGNEBIN, J. M. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 6.ed. São Paulo : Brasiliense, 1993. p. 7-19. (Obras escolhidas, 1)
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo : Vértice : Ed. Revista dos Tribunais, 1990. (Biblioteca Vértice. Sociologia e política).
- LE GOFF, J. Memória. In: GIL, F. (Org.) **Memória – história**. Porto : Imprensa Nacional : Casa da Moeda, 1984. p. 11-50. (Enciclopédia Einaudi, 1)
- PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.L.L.; FUJINO, A.; NORONHA, D.P. **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife : Néctar, 2008. p.47-96
- PIERUCCINI, I. **A ordem informacional dialógica**: estudo sobre a busca de informação em Educação. São Paulo. 2004. 194f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SCHMIDT, M. L. S., MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia Usp**: Memória, v.4, n.1/2, 1993, p.285-298.